

FILOLOGIA E
LINGÜÍSTICA
PORTUGUESA

2

Humanitas
PUBLICAÇÕES
HUMANITAS

São Paulo, 1998

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Jacques Marcovitch

Vice-Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Chefe: Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior

Suplente: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Nery Garcez

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente: Prof^a. Dr^a. Ieda Maria Alves

Membros: Prof^a. Dr^a. Ana Rosa Ferreira Dias

Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho

Prof. Dr. Heitor Megale

Prof. Dr. Valter Kehdi

CONSELHO EDITORIAL

Anthony Julius Naro (UFRJ)

Evanildo Bechara (UERJ e UFF)

Graça Maria Rio-Torto (Univ. de
Coimbra, Portugal)

Ingedore S. V. Kock (Unicamp)

João Wanderley Geraldi (Unicamp)

Leda Bisol (UFRS)

Leonor Lopes Fávero (USP)

Luiz Antonio Marcuschi (UFPE)

Maria Antonieta A.M. Cohen (UFMG)

Maria Cristina Altman (USP)

Maria Helena de Moura Neves (UNESP,

Araraquara)

Maria Tereza de Camargo Biderman
(UNESP, Araraquara)

Maria Teresa Lino (Univ. Nova de Lisboa,
Portugal)

Mary Kato (Unicamp)

Pedro Caruso (UNESP, Assis)

Rodolfo Ilari (Unicamp)

Rosa Virgínia Mattos Silva (UFBA)

Suzana Alice M. Cardoso (UFBA)

Endereço para correspondência

COMISSÃO EDITORIAL

FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA PORTUGUESA
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403
CEP 05508-900 – São Paulo-SP – Brasil

COMPRAS E/OU ASSINATURAS

HUMANITAS LIVRARIA – FFLCH/USP
Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil
Telefax: 818-4589
e-mail: pubflch@edu.usp.br
<http://www.usp.br/flch/flch.html>



© Copyright 1998 dos autores.
Os direitos de publicação desta edição são da Universidade de São Paulo.
maio/1998

SUMÁRIO

ARTIGOS

Filologia e Lingüística: enlace, divórcio, reconciliação

Pierre Swiggers 5

O vocabulário das constituições brasileiras. O *desenvolvimento*
em questão

Carlos Maciel 19

Operações e paradigmas genolexicais do português

Graça Maria Rio-Torto 39

A semântica histórica: um campo abandonado da lingüística?

Wolfgang Roth 61

Dimensões da palavra

Maria Tereza Camargo Biderman 81

BT LH – Banco de textos para pesquisa em lingüística histórica – dados
de Barra Longa – MG

Maria Antonieta Cohen, Soelis Prado e Maria Cândida

Trindade Seabra 119

Alguns etnônimos eslavicos (Estudo histórico-etimológico)

Antônio Geraldo da Cunha 143

Escrita do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*:
fonética ou ortográfica?

Gladis Massini-Cagliari 159

A repetição como elemento condutor do tópico discursivo

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade 179

- GARDNER, R. (1987) The identification and role of topic in spoken interaction. *Semiotica*, 65, p. 129-41.
- HALLIDAY, M. A. K. (1978) *Language as social semiotic. The social interpretation of language and meaning*. London, Edward Arnold.
- _____ (1989) Part A. In HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor: Frances Christie. Oxford, Oxford University Press.
- HASAN, R. (1989) Part B. In HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor: Frances Christie. Oxford, Oxford University Press.
- KEENAN, E. O. & SCHIEFFELIN, B. B. (1976) Topic as a discourse notion: a study of topic in conversation of children and adults. In CHARLES, N. (ed.). *Subject and topic*. New York, Academic Press, p. 335-84.
- KOCH, I. G. V. et alii (1992) Organização tópica da conversação. In ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*, vol. II, Campinas, Editora da UNICAMP, p. 357-439.
- KOCH, I. G. V. (1993) A repetição como mecanismo estruturador do texto falado. In KOCH, I. G. V. e SCHLIEBENLANGE, B. (orgs.) *Linguistik in Brasilian*. Tübingen, Niemeyer (no prelo).
- _____ (1994) Funções retóricas e interativas da repetição. *Boletim da ABRALIN*, 15 de julho de 1994, p. 153-8.
- MARCUSCHI, L. A. (1990) *A repetição na língua falada e sua correlação com o tópico discursivo*. Recife, UFPE, versão preliminar.
- _____ (1992) *A repetição na língua falada: formas e funções*. Tese para o Concurso de Professor Titular. Recife, UFPE.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to observe how, after the digression, the use of repetition is a conductor element of the discourse topic. The digression is a kind of topic movement that suspends momentarily the previous discourse topic, bringing a peculiar cadence to the text development. For the study of repetition, to follow the Marcuschi's theoretical proposal (1992) typology is divided in two levels: formal and functional.

Keywords: digression, repetition, discourse topic.

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA EM PORTUGUÊS

Valter Kehdi*

RESUMO: O objetivo deste artigo é tentar elucidar alguns problemas ligados aos deverbais regressivos da língua portuguesa, tais como: o levantamento dos critérios que permitem distinguir esses substantivos de outros primitivos, o caráter sincrônico ou diacrônico desse fenômeno e o estatuto das vogais finais.

Palavras-chave: derivação regressiva, metáfora, deverbais, sufixo zero.

Em português, à semelhança do que ocorre em outras línguas românicas, os substantivos deverbais distribuem-se em três grupos bem diferenciados: os que são formados por derivação regressiva (*caça*, de *caçar*; *ataque*, de *atacar*); os que resultam do acréscimo de um sufixo ao radical/tema verbal (*construção*, *desmoronamento*), designados como deverbais sufixais; e, finalmente, os resultantes da deslocação do acento tônico com relação à forma verbal correspondente (*réplica* (subst.) e *replica* (verbo); *súplica* (s.) e *suplica* (v.)), e que representam um caso de alternância acentual. Relativamente a estes últimos, cumpre esclarecer que não devem ser confundidos com os do primeiro grupo, pois não houve redução de nenhum elemento formal; assim, é estranho que, em alguns de nossos dicionários etimológicos, esses deverbais sejam apresentados como regressivos¹. Acrescente-se, ainda, que os pós-verbais formados por alternância acentual são cultos e, portanto, tardios em nossa língua, o que é confirmado pela não-alteração das

* Universidade de São Paulo.

¹ Cf., p. ex., o verbete *revérbero* em Machado (1967, p. 2007).

vogais *-ĩ-* e *-ũ-* da penúltima sílaba e pela datação correspondente: *cálcūlo* (séc. XVII) < *calcūlu-*; *fábrīca* (séc. XIV) < *fabrīca-*, etc. O deslocamento do acento nas formas verbais correspondentes (*calculo*, *fabrica*) deve-se ao fato de que, nesse período, o presente do indicativo apresenta obrigatoriamente formas paroxítonas. Assim, em pares como *cálcūlo* (s.)/*calculo* (v.), não se pode afirmar, em português, que o nome procede do verbo ou vice-versa (em latim, *calcūlus* é primitivo com relação a *calcolor* / *calculō*).

Cabe, também, observar que, embora nitidamente diferenciados, esses três grupos não constituem compartimentos estanques: é freqüente a passagem de um a outro, como o ilustram os pares *desarmamento* / *desarme*, *replicação* / *réplica* (entre outros), em que, freqüentemente, se estabelecem diferenças semânticas entre os dois membros.

No quadro dos casos de regressão, cumpre, inicialmente, distinguir três modalidades, que, com freqüência, aparecem confundidas em algumas de nossas gramáticas. Deve-se destacar um primeiro bloco, em que o substantivo se associa a um verbo por redução de um elemento deste último: *caça* (de *caçar*). Somente a esses é que se deve dar a designação de “deverbais regressivos”, dos quais, adiante, falaremos mais detidamente. Na verdade, esses deverbais não procedem do infinitivo, com eliminação do *-r*. Diez já os relacionava com as formas rizotônicas do presente do indicativo, no que foi seguido por vários romanistas (cf., p.ex., esp. *consuelo* (s.) (*consolar*) e fr. *soutien* (s.) (*soutenir*). Em latim, alguns substantivos participiais, como *cantum*, provinham de um verbo primitivo, no caso *canēre*; com a posterior expansão dos freqüentativos em *-tare* (*cantare*), foi fácil estabelecer uma ligação mais estreita com *cantum*. Do desaparecimento de *canēre* resultou a interpretação de que *cantum* (forma rizotônica) provinha de *cantare*, o que justifica a designação de “regressivos”. Não se deve confundi-los com exemplos como *legislar*, deduzido de *legislador*; como o sufixo *-dor* se atrela a radicais verbais, supôs-se que, dada a existência de *legislador*, deveria haver um verbo correspondente, *legislar*. Do mesmo modo, de *sarampão* se formou *sarampo*, atribuindo-se a *-ão* o

valor de sufixo aumentativo. Essas formações não são representadas por deverbais e só podem ser explicadas diacronicamente; chamemo-las “formações regressivas”, designação proposta por Meyer-Lübke².

Mencionem-se, por fim, os casos de “abreviação” vocabular³, que consistem no emprego de uma parte do vocábulo pelo todo (como *extra* por *extraordinário* / *extrafino*, *foto* por *fotografia*), processo muito freqüente na linguagem moderna e ao qual preferiríamos denominar “redução vocabular”; trata-se de um fenômeno essencialmente sincrônico, sistematizável (note-se que nos dois exemplos propostos houve eliminação de prefixo e radical, respectivamente) e no qual não ocorre mudança de classe, diferentemente das duas modalidades acima.

Neste artigo, enfocaremos os substantivos deverbais regressivos, que, diferentemente das formações regressivas e das reduções vocabulares, apresentam maior complexidade com relação aos aspectos formais.

Na realidade, esses substantivos, pouco numerosos no latim clássico e, posteriormente, mais abundantes, foram formados pela junção das terminações *-us* e *-a* ao radical verbal⁴. Em período mais tardio, surgem muitos deverbais com a vogal *-e*, geralmente vindos de outras línguas românicas⁵.

Nunes (1956, p. 358-9) observa que esses substantivos podem proceder da primeira e terceira pessoas do singular do presente do indicativo de verbos da primeira conjugação (eventualmente, também da segunda e da terceira) ou resultar da anexação das desinências de gênero a radicais verbais. Do ponto de vista diacrônico, a primeira parte dessa observação é falsa, pois *-o* e *-a* não provêm das desinências número-pessoais; note-se, contudo, que vem ao encontro da importante afirmação de

² Cf. M.-Lübke (1923, p. 441, § 355).

³ Cf. Bechara (1987, p. 185).

⁴ Cf. M.-Lübke (1923, p. 485-6, § 397).

⁵ Os deverbais em *-e* não se devem exclusivamente a influências estrangeiras, conforme bem o mostra Malkiel (1959, p. 106).

Diez (1874, p. 268), segundo a qual os deverbais regressivos se ligam às formas do singular do presente do indicativo românico⁶.

Por sua vez, Vasconcelos (1928, p. 411-2) considera que eles procedem do tema verbal, e não de uma determinada pessoa do verbo. Fundamenta-se, para isso, no fato de que certos substantivos, como *erro* e *rogo*, apresentam vogal tônica fechada, em oposição às formas verbais correspondentes. A crítica que pode ser feita a essa posição é que ela esquece a extensão e a importância da metafonía em português: as vogais *-a* e *-o* influenciam o timbre de *-e-* e *-o-* tônicos (*-a* contribui para a abertura; *-o*, para o fechamento da vogal tônica). Entretanto, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo de verbos da primeira conjugação, as vogais tônicas *-e-* e *-o-* (procedentes de *-ē* e *-ō*) mantiveram-se abertas em virtude da analogia com a segunda e terceira pessoas do singular e a terceira do plural: *rōgo* > *rOgo* (por influência de *rOgas*, *rOga*, *rOgam*). Como o substantivo *rogo* se integra noutro paradigma, pôde ocorrer a metafonía. Esses fatos invalidam, portanto, a observação de Vasconcelos.

Meyer-Lübke (1923, p. 485-6, § 397) interpreta as terminações desses deverbais como sufixos átonos, provavelmente atento ao fato de que, com o acréscimo dessas vogais, houve mudança de classe gramatical, uma das características da derivação sufixal. As gramáticas históricas do português e do espanhol mantêm-se fiéis a essa posição; cf., p.ex., Huber (1986, p. 272, § 434) e M. Pidal (1944, p. 232-3, § 83). Cremos, todavia, tratar-se não de sufixos⁷, mas de vogais temáticas nominais, como se pode notar pelo paralelismo com substantivos primitivos, tais como *disc-o*, *cart-a* e *dent-e*⁸. A grande dificuldade de

⁶ Ressalte-se que a posição de Diez constitui um rico veio a ser explorado, no que se refere a problemas de ditongação e metafonía dos regressivos no conjunto das línguas românicas.

⁷ Fato já intuído por Diez (1874, p. 253-4), quando estabelece a diferença entre as derivações própria e imprópria.

⁸ O levantamento das vogais temáticas nominais, em português, é recente. O primeiro a referir-se a elas foi Bechara (1987, p. 168); encontra-se uma referência mais explícita em Câmara Jr. (1986, p. 52).

identificação dos deverbais regressivos em perspectiva sincrônica (como o mostraremos abaixo) aproxima-os mais dos nomes primitivos, o que explica o paralelismo formal.

Caberia indagar se não poderíamos considerar essas vogais como desinências de gênero, visto que os deverbais terminados em *-o* são sempre masculinos e os que terminam em *-a* são sempre femininos.

A existência atual de pares, como *custo/custa*, *grito/grita*, *troco/troca* (em virtude da alternância das vogais finais em períodos mais antigos da língua), em que a forma masculina exprime uma noção mais concreta, é o passo que a feminina expressa a idéia de atividade, poderia, também, levar-nos a classificar essas vogais como desinências de gênero; a oposição masculino/feminino serve para distinguir os seres por certas qualidades semânticas e não está exclusivamente condicionada à especificação do sexo. Os deverbais que não apresentam alternância da vogal final não invalidariam essa conclusão, pela associação de *-o* a masculino e de *-a* a feminino.

Cumprido, porém, salientar que a existência de numerosos pós-verbais em *-e* nos impede de ver, aí, desinências de gênero; assinale-se, ainda, que em alguns pares em que o primeiro membro termina em *-e* (sempre masculino), o segundo apresenta ora *-o*, ora *-a*: *decalqu-e/decalc-o*, *desmam-e/desmam-a*. Pode-se, portanto, afirmar que a noção de gênero se acrescenta ao valor básico de vogais temáticas nominais desses elementos finais.

Em virtude do levantamento relativamente recente dessas vogais, em português, e da tendência a dar-se a sufixo um conceito demasiadamente amplo, bem como a falta de estabelecimento de uma hierarquia de funções para *-o*, *-a* e *-e*, decorre a explicável hesitação terminológica: alguns romanistas não adotam a rotulação de “deverbais regressivos”, oscilando entre “pós-verbais” e “substantivos verbais”. Malkiel (1959, p. 85-7) propõe que eles sejam designados como “substantivos verbais rizotônicos”, expressão ambígua porque incluiria os deverbais de alternância acentual. Esses diferentes termos privilegiam um aspecto do fenômeno em questão; eis por que, embora conscien-

tes da impropriedade de “derivação regressiva”, preferimos manter, neste artigo, essa designação (mais freqüente), ao lado de “pós-verbal”.

Alguns lingüistas reconhecem, nesses regressivos, um sufixo Ø (zero), depreendido por comparação com os deverbais sufixais⁹, que constituem o padrão mais geral. Trata-se de posição aceitável.

Ressalte-se, todavia, que é impossível, sincronicamente, distinguir os deverbais regressivos dos substantivos primitivos propriamente ditos: nos pares *jogo* (s.) / *jogar* e *disco* (s.) / *discar*, não se encontra nenhum elemento formal que nos permita estabelecer se o verbo antecede ou não o substantivo a ele associado. Mesmo o critério proposto por Mário Barreto (e tão divulgado por nossas gramáticas posteriores), de que o substantivo, quando exprime ação (como *luta*), é derivado, ao passo que, quando expressa uma noção concreta (como *disco*), é primitivo¹⁰, não se revela pertinente do ponto de vista sincrônico, pois está baseado exclusivamente no valor semântico do verbo. Ora, este não só exprime ação (com diferentes matizes), como também sentimento, estado, fenômenos atmosféricos, etc.; trata-se, portanto, de um critério excessivamente genérico, o que lhe rouba o caráter operativo. Acresce que, com freqüência, em função do uso, esses deverbais adquirem significado concreto (p.ex., *caça* indica também o resultado da ação); muitas vezes, o significado dinâmico é praticamente desconhecido hoje em dia (*agasalho* (s.), entre outros exemplos).

Do ponto de vista formal, não nos esqueçamos de alguns deverbais regressivos baseados em formas antigas de conjugação: é o caso de *perdão*, associado ao presente do subjuntivo *perdon(e)*. Pelo nivelamento das formas em *-on* e *-an* com o ditongo *-ão*, *perdon* (s.) passou a *perdão* e o verbo foi, posteriormente, refeito com a perda da nasal, de forma que, atualmente, não se pode perceber relação formal entre *perdão* e *perdoe*. É também o que explica, em francês, a diferen-

⁹ Cf. Bally (1965, p. 160-1, §§ 248-9).

¹⁰ Cf. Barreto (1982, p. 331).

ça entre o pós-verbal *aveu* e o verbo correspondente *avouer*; em francês medieval *avouer* apresentava, nas formas rizotônicas do presente do indicativo/subjuntivo, o ditongo *-eu-* (*j'aveu*, ...), ao passo que as formas arrizotônicas continham o ditongo *-ou-* (*nous avouons*, ...). Após a generalização deste último a toda a conjugação, já estava formado o deverbais *aveu*. Em português, os casos resultantes de metafonia (como *erro* (s.), *jogo* (s.)), diferentemente do que se passa com as formas verbais correspondentes, só são explicáveis por um enfoque diacrônico, como o mostramos acima.

Em alguns casos, os deverbais regressivos podem ser identificados por certos traços morfológicos. O exame dos afixos, como, p.ex., em (a) *en-gorda* e (o) *fest-ejo*, marcadamente verbais, permitem-nos concluir que esses substantivos são derivados de *engordar* e *festejar*, respectivamente. Como já tivemos ocasião de mostrar em artigo relativo aos sufixos verbais freqüentativo-diminutivos do português, *-icar*, *-iscar*, *-ilhar*, *-itar*, esses afixos não são compostos, ao contrário do que afirmam algumas gramáticas e dicionários de nossa língua; assim sendo, substantivos como *namorico* e *chuvisco* só podem ser pós-verbais, derivados de *namoricar* e *chuviscar*, respectivamente¹¹. Considere-se, entretanto, que os traços aqui mencionados não invalidam a afirmação de que os deverbais regressivos apenas podem ser identificados numa perspectiva diacrônica: como os afixos apontados só figuram em verbos, sua presença em nomes denuncia o caráter verbal destes últimos; quando esse fenômeno não ocorre, não dispomos de elementos, num enfoque sincrônico, para determinar o caráter primitivo ou derivado do substantivo.

Encerrando nossas considerações, queremos ressaltar a importância de investigações relativas à seleção das vogais temáticas nominais. A resposta a essa indagação tem também fundamento diacrônico, pois um grande número de deverbais regressivos procede do latim vulgar, em que era praxe acrescentar ao radical verbal as terminações

¹¹ Cf. Kehdi (1995, p. 23-8).

-us (masc.) e -a (fem.), sem que se esclareçam os critérios que determinavam a escolha de uma ou outra (a basear-nos nas informações de Diez e Meyer-Lübke); as línguas românicas, com raras exceções, mantiveram as terminações latinas. Acrescente-se, por fim, que o exame e a explicação de permutas dessas vogais, em nossa língua, não foram ainda esclarecidos (p.ex., *combato* e *combate* (s.)), no período medieval, com a seleção de *combate* no período posterior; e também variantes modernas, como *decalco/decalque*, *desmancho/desmanche*, etc.).

Outro aspecto relevante é o estudo dos processos de nominalização, bastante explorados pela gramática gerativa. Nessa perspectiva, procura-se mostrar que os deverbais regressivos recuperam seu caráter dinâmico em frases nominalizadas, como, p.ex., *o erro do aluno* (*O aluno errou*), à semelhança do que sucede com os outros pós-verbais. Ocorre que a expressão obtida não filtra necessariamente o valor verbal (a construção acima o ilustra). As diferentes etapas pelas quais tem passado a investigação desse processo podem, eventualmente, elucidar esse problema e outros, tais como: a enorme variedade de contextos (com as respectivas implicações semânticas), a seleção dos contextos pertinentes (com as devidas justificativas), o esclarecimento do fato de que certos problemas morfológicos só podem ser mais amplamente discutidos em nível contextual (que é, também, o que ocorre com os casos de conversão ou derivação imprópria), etc.

BIBLIOGRAFIA

- BALLY, C. (1965) *Linguistique générale et linguistique française*. 4. éd. Berne, A. Francke.
BARRETO, M. (1982) *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença.
BECHARA, E. (1987) *Moderna gramática portuguesa*. 31. ed. São Paulo, Edit. Nacional.
CÂMARA Jr., J.M. (1986) *Problemas de lingüística descritiva*. 12. ed. Petrópolis, Vozes.
DIEZ, F. (1874) *Grammaire des langues romanes*. Trad. Alfred Morel-Fatio et Gaston Paris. Paris, A. Franck (2^e vol.)
HUBER, J. (1986) *Gramática do português antigo*. Trad. Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa, Calouste Gulbenkian.

- KEHDI, V. (1995) Os sufixos verbais freqüentativo-diminutivos em português. *Confluência*, 9, p. 23-31.
MACHADO, J.P. (1967) *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa, Confluência/ Horizonte. 3 vol.
MALKIEL, Y. (1959) Fuentes indígenas y exóticas de los sustantivos y adjetivos verbales em -e. *Revue de Linguistique Romane*, 23 (89-90), p. 80-111.
MENÉNDEZ PIDAL, R. (1944) *Manual de gramática histórica española*. 7. ed. Madrid, Espasa-Calpe.
MEYER-LÜBKE, W. (1923) *Grammaire des langues romanes*. Trad. A. Doutrepoint et G. Doutrepoint. Paris, G.E.Stechert (vol. II: Morphologie).
NUNES, J. J. (1956) *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 5. ed. Lisboa, Livraria Clássica.
VASCONCELOS, J. L. de (1928) Opúsculos. Coimbra, Imprensa da Universidade (vol. I - *Filologia* (parte I)).

ABSTRACT: This paper deals with the theme of back-formation of nouns in Portuguese. We discuss problems involving the origin of such nouns, their formation and the variation and role of their final vowels.

Keywords: back-formation, mutation, deverbatives, zero suffix.